

O SILÊNCIO POÉTICO E A EXPERIÊNCIA INTERIOR: UM DIÁLOGO ENTRE A EXPERIÊNCIA E A LINGUAGEM

Juliana Jordão Canella Valentim¹

RESUMO

O presente artigo pretende dissertar sobre o silêncio e o incomunicável na poesia, seguindo como linha de raciocínio as declarações feitas por Georges Bataille em seu livro *A experiência interior* em comparação com *A linguagem e a morte* de Giorgio Agamben. Neste livro, Bataille trata a poesia como contrário da experiência possível, desta forma, aproximando-a da experiência definida como do *êxtase*. Esta afirmação, feita por Bataille, foi pensada na relação de incompreensão da *experiência interior* pelo raciocínio lógico da filosofia da ciência, a qual se apropriava de procedimentos *de fora* para tratar algo que somente poderia ser explicado *de dentro* (BATAILLE, 1992). Agamben, por sua vez, trata também sobre a linguagem como pertencente ao campo de negativo, para Bataille *contrassenso*, em que a linguagem possui, além do seu caráter dicionarizado, também o caráter daquilo que não é dito. Desta forma, é proposta a análise dos dois livros e as concepções sobre o silêncio e a incomunicabilidade que envolvem a linguagem poética.

PALAVRAS-CHAVE:

A relação entre dois discursos filosóficos, tratando sobre o conceito de *linguagem*, tal qual como é pretendida neste artigo, não poderia ser menos redutora. Afim de salvaguardar o raciocínio lógico acerca do pensamento sobre linguagem e, mais especificamente, sobre poesia, a leitura dos dois livros torna-se fragmentada. Não há intenção neste texto de abarcar a completude da obra dos dois autores, muito menos relacionar diretamente conceitos tão díspares quanto os aqui tratados. A pouca pretensão do que está aqui disposto remonta uma análise quase ensaística em que tateia-se uma ideia, para no fim, descobri-la inteira nas suas conexões entre os dois raciocínios. Os termos que circundam as duas leituras são parecidos, apesar da leitura leva-los à lugares divergentes. Georges Bataille, em 1943, alardeado pela crítica à fenomenologia hegeliana, desenvolve (em sua própria teoria, criticando diversas vezes o *acabamento* da obra hegeliana) e amplia o discurso de uma experiência cientificamente comprovada, na qual, a experiência entre o objeto e o ser é posta como questão. O mesmo ponto fenomenológico, também discutido por Giorgio Agamben, em 1982, traz à tona não somente a *ipseidade* heideggeriana e a *Voz* hegeliana, mas também o conceito de *linguagem*. Percebendo as disparidades diacrônicas e possivelmente ideológicas, os dois estudiosos encontram-se em uma definição: *poesia*. Cabe analisar como, nos dois livros,

¹ Juliana Jordão Canella Valentim é mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense, bolsista da CAPES.

a linguagem literária e, por assim dizer, poética é questionada pelo viés da *experiência* e da *negatividade*. Adiantando que, desta reflexão, a palavra que mais interessa é *silêncio*.

Partindo da noção de experiência, obtida na leitura de *A experiência interior*, Bataille, logo no início, trata sobre o conceito que dá o título ao livro. Explica que “Entendo por experiência interior aquilo que geralmente chamam de experiência mística: os estados de êxtase, de arrebatamento, pelo menos emoção meditada” (BATAILLE, 1992, P.11). Sobre o conceito de *êxtase* na obra batailleana, fazendo uma breve pausa, é importante mencionar outro livro, publicado em 1958, em que o estudioso debruça-se sobre o termo. Em *O erotismo*, o autor cita o *êxtase* como próprio de uma relação erótica, em que o ser entra em contato consigo mesmo. Entre os momentos de *êxtase* (em que há dispêndio de energia e, por isso, gasto do que excede o corpo) e *soberania* (estar diante de situações em que a lei não pode ser imposta ao corpo, visto que não há como forjar a lei e incluir-se nela), Bataille cita exemplos de banalidades cotidianas, em que o corpo é dono de si mesmo, e que não há nada além disso para limitá-lo. Em imagens de baforadas de cigarro e de estado de ebriedade, o autor retrata o espaço de soberania e êxtase, em que toda a energia acumulada só poderia ser desperdiçada. Ele cita: “A expressão da experiência interior deve de qualquer maneira responder ao seu movimento, não podendo ser uma seca tradução verbal, executável na ordem” (BATAILLE, 1992, p 14), portanto, a experiência interior é aquela em que o sujeito encontra-se em estado de soberania, produtor de uma ordem, mas superior a ela.

A definição continua: “Os pressupostos dogmáticos deram limites indevidos à experiência: aquele que já sabe não pode ir além de um horizonte conhecido” mais adiante, “quis que a experiência conduzisse lá onde ela própria quisesse, e não levá-la para qualquer fim preestabelecido. E digo logo que ela não leva a porto algum (mas a um lugar de extravio, de contra-senso)” (BATAILLE, 1992, p. 11). Por isso, a experiência interior, relação expressiva entre o sujeito e o objeto, ocorre *de dentro* de uma subjetividade. A crítica batailliana sobre o pensamento hegeliano está fundamentada na diferença entre uma análise científica e redutora da experimentação do corpo vista através do teste. Segundo Bataille, não há como compreender (e não há mesmo) a experiência do corpo com o mundo, senão pela experimentação. E mesmo que experimentado os estados de *êxtase* e *soberania*, por exemplo, ainda assim, tal experiência seria inexplicável pela linguagem, pois ela não objetiva lugar nenhum. Dizer que “não há fim pré-estabelecido” e pontuar o lugar da experiência como “contra-senso” é alertar sobre algo que mesmo que

sentido, não pode ser completamente abarcado por uma análise filosófica ou científica, ainda que seja isto o pretendido neste livro.

É pertinente pensar no contra-senso como um lugar em que se impõe uma contrariedade. Na tentativa de definição desta experiência mística, a linguagem perde o seu caráter objetivo de suprimir uma ideia (daí a reflexão sobre *ipseidade*, em que o *ser* não pode ser completamente definido por uma linguagem, visto que o *ser* sofre ação do tempo, por isso sempre em mudança e perene) para aloca-la em um conceito. Ao perder-se, ela se contradiz, tornando-se um paradoxo. A ideia de experiência para Bataille é absolutamente paradoxal, pois não há como senti-la fora do próprio corpo e, possivelmente, em cada corpo há uma experiência diferente.

Neste espaço paradoxal, a experiência encontra-se com a linguagem (sistema que organiza e impõe ordem). Em uma passagem, ele cita: “A experiência atinge, para terminar, a fusão do objeto e do sujeito, sendo, como sujeito, não-saber, como objeto, o desconhecido” (BATAILLE, 1992, p. 17), ou seja, no abismo² entre o sujeito e o objeto, há aquilo que é *desconhecido* e *não-sabe* e, justamente, por isso, incomunicável. “Tal é, em nós, o trabalho do discurso. Esta dificuldade se exprime assim: a palavra **silêncio** é ainda um ruído, falar é, em si mesmo, imaginar conhecer, e para não mais conhecer necessitaria não falar” (BATAILLE, 1992, p. 21, grifo meu). Cabe lembrar que o conceito batailliano de comunicação está associado à linguagem (explicar com citação). Por tanto, para a linguagem conseguir abarcar o objeto, ela deveria manter-se em silêncio, pois não existe a possibilidade dela *não saber*. O ato de fala prescinde “imaginar conhecer algo”, por isso entrando em confronto com o próprio conceito dado para sujeito.

Ainda tratando sobre o paradoxo da linguagem e do silêncio, na ideia de que, se a linguagem pretende abarcar a experiência entre sujeito-objeto ela teria que silenciar, em relação à poesia, como linguagem literária atípica, Bataille comenta que:

Não se pode saber nada do homem que não tenha tomado forma de frase, e o entusiasmo pela poesia, por outro lado, considera as intraduzíveis sequências de palavras como cimo. O extremo está alhures. Ele só é inteiramente atingido quando comunicado(...) Se qualquer expressão testemunha isso: o extremo é diferente. Ele não é nunca literatura. Se a poesia o exprime, ele é distinto disto: ao ponto de não ser poético, pois se a poesia o tem por objeto, ela não o atinge.

² Sobre o abismo, Bataille cita em *O Erotismo*: “Os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros e os seres reproduzidos são distintos entre si como são distintos daqueles de que provieram. Cada ser é distinto de todos os outros. Seu nascimento, sua morte e os acontecimentos de sua vida podem ter para os outros algum interesse, mas ele é o único interessado diretamente. Ele só nasce. Ele só morre. Entre um ser e outro, há um abismo, há uma descontinuidade” (BATAILLE, 2013, p.36)

Quando o extremo está lá, os meios que servem para atingi-lo não estão mais lá. (BATAILLE, 1992, p.56)

A poesia, por tanto, seria a linguagem que mais se aproximaria da experiência interior, pois ela é a única que se pretende fugidia, ou, como descrito na passagem, em que o extremo está sempre sendo modificado, pois a linguagem poética não tem por objetivo alcançar o seu objeto. A linguagem, portanto, seria subvertida de seu caráter comunicador, neste caso, aproximaria-se do silêncio. A experiência interior faz-se no “contra-senso”, ela não tem “fim pré-estabelecido”, tal qual sugerido no segundo parágrafo deste artigo. A citação é válida para a compreensão do que seria a poesia para Bataille. Retomo que, a poesia é a linguagem que se aproxima do silêncio, pois está sempre em vias de *não dizer*.

Pensar sobre uma linguagem que não pretende *dizer*, que se quer silenciosa, é destacar o que Giorgio Agamben em *A linguagem em a morte* entende por negativo da linguagem. O não-saber, o indizível, incomunicável, seriam os valores do procedimento do pensamento. O pensamento da linguagem, instância anterior ao próprio discurso, guarda, segundo Agamben, aquilo que chamamos de *silêncio*. Este silêncio do pensamento é incomunicável, não há forma de dizê-lo sem delimitá-lo. Por isso, a linguagem poética toca os estudos dos dois escritores. O *negativo da linguagem*, portanto, é o discurso que está em estado anterior a linguagem e que não pode ser dito, por estar em *ausência*.

Cabe ressaltar aqui que tratamos a *experiência interior* e o *negativo da linguagem* de formas diferentes. A experiência interior é mais do que a própria linguagem, é um estado de conhecimento. Este estado existe, está em angústia por não ser comunicável, mas não é o objeto deste estudo. O que está sendo tratado é a impossibilidade da linguagem de comunicar esta experiência. Como descreve Agamben, a linguagem possui um *negativo*, no qual o que é incomunicável se revela em *ausência*. E esta é a diferença entre o pensamento dos dois autores. Em propósito de explicar que a experiência interior não poderia ser compreendida, pois só há compreensão através do discurso, Bataille toca em uma questão da linguagem. A experiência não pode ser compreendida, pois ela é soberana e limita-la a linguagem seria impor-lhe uma ordem a qual ela não obedece. Por isso, o extremo do possível é nos inalcançável. Neste sentido, o discurso agambeniano completaria: esta *parte* que a linguagem não consegue *comunicar*, pois é dita em ausência.

Este modo de leitura redireciona o olhar para aquilo que está em falta, o *negativo* daquela linguagem poética. Agamben, trata sobre a *negatividade* da voz, o ter-lugar da linguagem e, em uma explicação, cita uma narrativa gnóstica cristã :

Na gnose valentiniana, o Abismo (βυθός), incompreensível e incriado, que eternamente preexiste, tem junto de si um pensamento (Ἐννοια) silencioso, Sigé³ (Σιγή), e este silêncio é o primeiro, negativo fundamento da revelação e do Logos, a mãe de tudo o que é gerado a partir do Abismo. Em um denso fragmento dos Excerptaex Theodoto [Excertos de Theodoro], lemos:

O Silêncio (Σιγή) - dizem os valentinos -, sendo mãe de todas as coisas que emanaram do Abismo, aquilo que não podia dizer do indizível, calou, aquilo que compreendeu, chamou o incompreensível ...(AGAMBEN, 2006, p.87)

Por Abismo, explicando de forma rasa, Agamben entende tudo aquilo que não pode ser apreendido do real empírico, por não conseguir ser descrito em sua complexidade. A única maneira de apreender algo seria pelo que o silêncio pode transformar em incompreensível. Somente a partir disso é possível pensar de fato em linguagem. Aquilo que não foi calado, lembrando a dupla negatividade⁴, é o que pode tentar ser dito pela linguagem. Em outro trecho do mesmo livro:

A relação entre os dois planos (o ter-lugar da linguagem e o que é dito em seu interior, ser e ente, mundo e coisa) é, mais uma vez, governada pela negatividade: o mostrar-se da Sage é inominável para a linguagem humana(...) e esta pode apenas corresponder (*entsprechen*, des-falar) à Sage por meio da própria dissolução, arriscando-se, como a palavra dos poetas, até o limite em que se realiza a experiência silenciosa do ter-lugar da linguagem na Voz e na morte...(AGAMBEN, 2006, p.84)

No trecho, explica-se que Sage, o silêncio, seria *des-falar*, o negativo do discurso proferido. O silêncio seria o responsável por dissolver a linguagem e esta dissolução é o que aproxima a linguagem poética do silêncio. O pensamento da linguagem, lugar em que se realiza a experiência silenciosa, concretiza-se na linguagem poética. Pensando desta forma, se o poético é, neste aspecto, o silencioso, existe uma experiência *negativa* no poético, algo que está presente significando aquilo que não é. Esta presença dissimulada

³ Neste trecho, Agamben nomina os conceitos de acordo com a tradição Gnóstica.

⁴ Em *A linguagem e a morte*, Agamben explica que a Voz, conceito hegeliano, seria definida por uma dupla negatividade em que a primeira negatividade seria a supressão da voz efetuada pelo vivente à linguagem e a segunda negatividade em que a Voz não pode ser dita em seu absoluto, pois mostraria o seu ter-lugar originário.

é o silêncio anterior à própria fala, é o pensamento da linguagem, revelado através da ausência.

Voltando a Bataille, em um trecho, ele trata da poesia como um exemplo de experiência interior. Assim como esta experiência, a poesia cria para si um sistema sobre o qual é soberana, mas, ao invés de ir do *desconhecido* ao *conhecido*, como fazemos com o pensamento e a linguagem, a poesia só pode partir do que é conhecido, visto que é formada de palavras do sistema da língua vigente. Do conhecido vai ao desconhecido, em que perde-se, segundo Bataille, no próprio sistema, e funde sujeito e objeto.

A poesia é, apesar de tudo, a parte restrita - ligado o domínio das palavras. O domínio da experiência todo o possível. E na expressão que ela é dela mesmo, no final, necessariamente, ela é tanto silêncio quanto linguagem. Não por impotência. Toda linguagem dele é dada, e a força de entregá-la. Mas o silêncio escolhido para não esconder, mas para exprimir um grau a mais de desapego. A experiência não pode ser comunicada se os laços de silêncio, de desaparecimento, de distância, não mudam aqueles que ela coloca em jogo (BATAILLE, 1992, p.36)

Por isso, o silêncio torna-se uma categoria a ser pensada. Pois, segundo Agamben, a linguagem é aquela que quando não consegue abarcar o objeto, comunica através da ausência de palavras, ou seja, pelo *silêncio*. Por tanto, se pudéssemos compreender desta forma, a “expressão” poética é linguagem e silêncio, a escolha de silenciar é o que carrega a potência que leva a uma mínima compreensão do desconhecido.

À poesia, portanto, restaria o lugar do extremo, em que os limites do possível são questionados. Neste lugar limítrofe entre o conhecido e o desconhecido a unidade de comunicação é o silêncio.

O sacrifício das palavras então é aceito. Vivencia-se a experiência incomunicável que estabelece relação com o que se dissipa, desaparece. Diria Bataille que “O sacrifício é loucura, a renúncia a qualquer saber, a queda no vazio, e nada, nem na queda nem no vazio, nada é revelado, por que a revelação do vazio é somente um meio de cair mais profundamente na ausência” (BATAILLE, 1992, p.58). O vazio do incomunicável é apenas a queda na ausência de palavras, no silêncio que irrompe da experiência interior. Sacrifica-se a linguagem em prol do desconhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *A linguagem e a morte*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2007 (Versão Kindle)

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. *A experiência interior*. Trad. Celso Libânio Coutinho, Magali Montagné, Antonio Ceschin. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *A literatura e o mal*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.

HEGEL. *Fenomenologia do espírito I*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Cursos de estética IV*. Trad. Marco Aurélio Werne e Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2004.